



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/03/2026 e 12/03/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/03/2026	11,85	313,10	66,21	6,11	4,47
09/03/2026	11,80	308,80	65,75	5,98	4,37
10/03/2026	11,87	311,80	65,33	5,84	4,36
11/03/2026	12,00	316,40	67,08	5,88	4,44
12/03/2026	12,13	319,90	67,34	5,92	4,48
Média	11,93	314,00	66,34	5,95	4,42

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	119,00	
RS – Não Me Toque	119,00	
PR – Pato Branco	117,00	
PR – M.C.Rondon	114,00	
MT – C.N.Parecis	100,00	
MS – Maracaju	112,00	
GO - Rio Verde	112,50	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	69,00	CIF
Porto de Paranaguá	65,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	56,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	52,00	
MS – Maracaju	57,00	
SP – Itapetininga	69,00	
SP – Campinas	73,00	CIF
GO – Rio Verde	58,00	
GO – Jataí	58,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	58,00	
RS – Não Me Toque	58,00	
PR – Pato Branco	65,00	
PR – M.C.Rondon	62,00	

Período: 04/03/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/03/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,96	119,69	56,47

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/03/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	54,68
Feijão (saco 60 Kg)	143,89
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,00**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,45

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja continuaram subindo em Chicago, puxadas pela guerra no Oriente Médio, a qual se mantém. O aumento do grão se dá, especialmente, pela forte alta do óleo de soja, puxada pelo petróleo, com a libra-peso do subproduto da soja atingindo a 67,34 centavos de dólar no dia 12/03. Com isso, o próprio farelo sobe de preço (US\$ 319,90/tonelada curta no dia 12) e o grão se eleva, superando os US\$ 12,00/bushel durante esta semana. O fechamento desta quinta-feira (12) ficou em US\$ 12,13/bushel, contra US\$ 11,63 uma semana antes. A última vez que Chicago, para o primeiro mês cotado, havia registrado valores nos patamares de US\$ 12,00 foi em 06/06/2024.

Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/03, não trouxe novidades para a soja, mantendo a última colheita dos EUA em 116 milhões de toneladas, assim como a expectativa de colheita final no Brasil em 180 milhões de toneladas. Houve apenas uma pequena redução na estimativa de produção da Argentina, com a mesma passando, agora, para 48 milhões de toneladas, e no volume mundial final, para 2025/26, com o mesmo recuando um milhão de toneladas, para 427,2 milhões de toneladas. Os estoques finais mundiais permanecem em 125 milhões de toneladas e as importações chinesas de soja em 112 milhões.

Dito isso, o Paraguai confirma sua supersafra, com a mesma devendo atingir a 11,8 milhões de toneladas neste ano comercial (cf. StoneX).

Por sua vez, na China as importações de soja recuaram nos dois primeiros meses do ano, “refletindo a maioria dos embarques dos EUA que ainda não chegaram, por colheitas mais lentas do Brasil e pela demora no desembarço aduaneiro”. A queda no primeiro bimestre foi de 7,8% em relação ao ano anterior, ficando o volume em 12,6 milhões de toneladas. Espera-se uma recuperação desta performance já a partir deste mês de março, pois aguarda-se a chegada de 6,4 milhões de toneladas da oleaginosa nos portos chineses no corrente mês, contra 3,5 milhões em março do ano passado (cf. Reuters).

E no Brasil, embora o câmbio continue estável ao redor de R\$ 5,15 por dólar, os preços da soja finalmente subiram um pouco, puxados por Chicago. As principais praças gaúchas trabalharam com R\$ 119,00/saco nesta semana, enquanto nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 100,00 e R\$ 117,00/saco.

A colheita, no país, avança, tendo chegado a 90% da área no Mato Grosso (cf. Imea) e a 47,4% no início da presente semana no conjunto do Brasil (cf. Pátria AgroNegócios). Em ambos os casos, ainda atrasada, sendo que no caso do país, no ano passado, nesta época, a colheita atingia a 58,7% da área e a média histórica é de 47,8%.

Por outro lado, a Emater/RS divulgou que, por enquanto, a quebra da safra de soja gaúcha, em relação ao esperado, é de 11,3%, o que levaria a colheita final a 19 milhões de toneladas. Em algumas regiões, como a Noroeste do Estado, a quebra chega a 30% efetivamente. Todavia, é preciso esperar para se ter o número final, pois a quebra pode ser maior, já que as chuvas minguaram em março.

No caso gaúcho em particular e outros locais do país, a preocupação é com as dificuldades para a obtenção de óleo diesel para a colheita, já que, diante da iminência

de uma alta de preços, devido aos efeitos da guerra no Oriente Médio, as distribuidoras estão segurando o produto e os importadores, enquanto o preço local não se ajusta à forte alta internacional, deixam de abastecer o país (o Brasil importa ao redor de 30% do óleo diesel que consome). Hoje a diferença de preço do diesel, em relação ao exterior, estaria em torno de 50% (e da gasolina em 20%) diante da disparada dos preços internacionais do petróleo, os quais voltaram a se aproximar de US\$ 100,00/barril no final desta semana. Assim, mesmo com a Petrobrás ainda não aumentando os combustíveis, na prática, em alguns locais do Estado gaúcho o produtor já estaria pagando um real a mais pelo litro de diesel e muitos estão indo com suas máquinas aos postos de combustível para abastecer já que os TRRs estão sem o produto.

Enfim, causa preocupação, igualmente, o anúncio de que a Cargill, um dos cinco gigantes do comércio internacional de soja, “suspendeu operações de exportação de soja do Brasil para a China devido a mudanças na inspeção fitossanitária pelo governo brasileiro. O Brasil estaria adotando uma inspeção mais rigorosa para a soja destinada à China, após solicitação do governo chinês, e a nova fiscalização está dificultando cumprimento de normas pelos comerciantes e a obtenção da autorização para o embarque do produto”. Com isso a multinacional suspendeu a compra do produto no mercado brasileiro, por conta das dificuldades de enviar o grão ao principal importador global da oleaginosa. Consta que o Ministério da Agricultura brasileiro “em vez de usar amostra padrão para inspeção que o mercado usa, está fazendo a própria amostragem, gerando diferenças, fato que leva o Ministério a não emitir os certificados fitossanitários. E sem tais certificados o navio não pode descarregar na China. Se tal situação não for logo resolvida poderemos ter a paralisação dos embarques para a China. Por enquanto, o que se sabe é que há negociações em andamento para solucionar o problema.” (cf. Reuters). A quinta-feira (12) iniciou com várias tradings fora do mercado de exportação no Brasil devido a este problema, havendo somente negócios com o mercado interno. Isso tende a reduzir o preço interno da oleaginosa se o problema não for logo solucionado.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho também subiram nesta semana, porém, em menor intensidade quando comparadas com a soja. Chicago fechou a quinta-feira (12) com o bushel do cereal valendo US\$ 4,48 para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,41 uma semana antes. A guerra no Oriente Médio influencia este mercado, porém, ainda de forma pouca intensa em Chicago.

Por sua vez, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/03, também pouco trouxe de novidades para o cereal. O mesmo não alterou os volumes de produção e estoques finais dos EUA, já indicados em fevereiro, porém, aumentou a produção brasileira para 132 milhões de toneladas e diminuiu a da Argentina para 52 milhões. Em ambos os casos a diferença é de um milhão de toneladas sobre fevereiro. Houve aumento da produção mundial de milho, com a mesma sendo estimada, agora, em 1,297 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais globais subiram para 292,8 milhões de toneladas.

O atraso no plantio da safrinha começa a pressionar os preços do milho para cima no país, mesmo que, por enquanto, de forma lenta. O excesso de chuvas no Centro-Oeste é uma preocupação neste sentido.

Assim, nesta semana as principais praças gaúchas se mantiveram com R\$ 56,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores já chegam entre R\$ 52,00 e R\$ 69,00/saco. E na B3, o quadro é de acompanhar o comportamento altista de Chicago, mesmo que parcialmente. No meio da corrente semana o contrato março estava em R\$ 71,62/saco, maio em R\$ 75,30 e setembro em R\$ 71,25/saco.

Dentre os principais fatores que preocupam o mercado brasileiro do milho, neste momento, estão o clima para o plantio da safrinha; a janela ideal para este plantio, a qual já foi perdida em algumas importantes regiões de produção nacional; o aumento dos preços do diesel e dos fertilizantes, com consequente aumento nos custos de produção, devido a guerra no Oriente Médio; e, evidentemente, o desenrolar da própria guerra em questão.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, chegou a US\$ 6,11/bushel no dia 06/03, sendo esta a maior cotação, para o cereal, desde o início de outubro de 2024. Posteriormente, o mercado cedeu um pouco, com o fechamento chegando a US\$ 5,92/bushel na quinta-feira (12).

O relatório de oferta e demanda do USDA confirmou a colheita passada nos EUA em 54 milhões de toneladas e seus estoques finais em 25,3 milhões. Ao mesmo tempo, elevou um pouco a produção mundial, para 842,1 milhões de toneladas e indicou estoques finais globais em 277 milhões de toneladas. A produção brasileira foi mantida em 8 milhões de toneladas e a da Argentina em 27,8 milhões. Tudo isso para o ano comercial 2025/26. As importações brasileiras do cereal foram levemente reduzidas, ficando, agora, em 7,1 milhões de toneladas.

A guerra no Oriente Médio influencia também o mercado mundial do trigo, pois a região é importante consumidora do cereal, além de um corredor de transporte entre a Europa e a Ásia. Mas a influência é menor do que o conflito entre Rússia e Ucrânia, grandes produtores de trigo. Lembremos que, no início da guerra Rússia x Ucrânia, no final de fevereiro de 2022, o bushel de trigo disparou acima dos US\$ 12,00. Hoje, ele gira ao redor de US\$ 6,00.

E aqui no Brasil este conjunto de situações gerou um movimento de alta nos preços do cereal, com as principais praças gaúchas elevando o valor do saco de 60 quilos de 56 para 58 reais, enquanto no Paraná as mesmas passaram a valores entre R\$ 62,00 e R\$ 65,00. O encarecimento do produto importado, a partir das altas internacionais de preços, particularmente do produto argentino, favoreceu este movimento. E o mesmo só não foi maior porque o câmbio, no Brasil, mesmo diante do conflito no Oriente Médio, permanece estável entre R\$ 5,10 e R\$ 5,25 por dólar. Um real valorizado torna mais barato, em moeda nacional, as importações. Enfim, este quadro de preços muito baixos diante de altos custos de produção, somado às constantes incertezas

climáticas, tende a levar a uma nova redução na área semeada neste ano de 2026 se os preços não melhorarem.

Tanto é que as primeiras projeções para a safra 2026/27, cujo plantio logo se inicia, apontam para um recuo de 14,5% na produção final, com a mesma ficando em 6,8 milhões de toneladas (se o clima ajudar), a partir de uma nova redução de área semeada, agora de 15,5%. Aponta-se uma área nacional de 1,985 milhão de hectares semeados, contra 2,349 milhões cultivados em 2025/26. A produtividade média nacional está projetada em 3.453 quilos por hectare (57,6 sacos/ha), contra os 3.414 quilos (56,9 sacos/ha) que teriam sido registrados na safra passada. Pelo sim ou pelo não, o fato é que "em relação aos níveis observados há quatro anos, a área plantada terá recuado mais de 40%, refletindo as dificuldades econômicas enfrentadas pelo produtor e a crescente competição com outras culturas de inverno" (cf. Safras & Mercado).

Enfim, as importações brasileiras de trigo vêm diminuindo nos últimos meses. Em fevereiro, as compras externas foram as menores em 18 anos para um único mês, somando 214.700 toneladas segundo a Secex. O volume foi 63% inferior ao registrado no mesmo mês de 2025. Isso pode aumentar a liquidez interna, dando continuidade à melhoria dos preços locais do cereal. No início da presente semana, o indicador Cepea/Esalq registrou a cotação de R\$ 1.209,02 para a tonelada do trigo pão ou melhorador no Paraná, uma alta de 2,6% desde o início deste mês. Já no Rio Grande do Sul, a tonelada do trigo branco estava em R\$ 1.091,60, uma queda de 0,65% no mesmo período.